

A prática de rafting e a qualidade de vida: análise das percepções de usuários do Parque das Laranjeiras em Três Coroas - RS

Roberto Ewaldo Strassburger¹ | Álvaro Luis de Melo Machado²

Resumo

Dentre as atividades turísticas, o turismo de aventura é um dos segmentos voltados a ações recreativas não competitivas. No município de Três Coroas, no Estado do Rio Grande do Sul, o destaque é para a prática de *rafting*. Desde a sua implantação, ocorrida em 1993, no Parque das Laranjeiras, em Linha Café Alta, interior do município, percebe-se seu crescimento. Este trabalho tem por objetivo verificar qual é a percepção dos usuários de *rafting* quanto à qualidade de vida relacionada à prática dessa atividade nas corredeiras do Rio Paranhana. Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa de campo envolvendo 24 (vinte e quatro) praticantes de *rafting* em três momentos distintos, ou seja, foram contemplados 3 (três) grupos de 8 (oito) pessoas. A metodologia de pesquisa é a descritiva quali- quantitativa. Foi aplicado um questionário com 8 (oito) questões, entre fechadas e abertas. Para execução dessa tarefa, contou-se com o apoio da empresa de *rafting Raft Adventure*, que realiza atividades de aventura dentro do Parque das Laranjeiras. Os resultados obtidos por meio da pesquisa indicam que a atividade de *rafting* é praticada por pessoas que têm por objetivo sair da rotina, manter hábitos saudáveis que lhes proporcionem equilíbrio em suas vidas, contemplando, assim, todos os aspectos do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Turismo de aventura. *Rafting*. Qualidade de vida.

Abstract

Among the touristic activities, the tourism of adventure is a one of the segments focused on non-competitive recreative actions. In the county of Três Coroas, in the State of Rio Grande do Sul, the highlight is the practice of rafting. Since its implementation, occurred in 1993, at Parque das Laranjeiras, in Linha Café Alta, interior of the county, its growth is noticed. This paper has as objective to verify what is the perception of the rafting users regarding the quality of life related to the practice of this activity in the rapids of Rio Paranhana. For this, we opted to perform a field research involving 24 (twenty-four) rafting practitioners in three distinct moments, that is, it was contemplated 3

¹ Graduado em Turismo pelas Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS.
roberto_strassburger@yahoo.com.br

² Professor orientador. Faculdades Integradas de Taquara - Faccat/RS. alvaromm@faccat.br

(three) groups of 8 (eight) people. The methodology of research is the descriptive quali-quantitative. It was applied a questionnaire with 8 (eight) questions, with closed and opened ones. To execute this task, we had the support of the rafting company Raft Adventure, which fulfills adventure activities within the Parque das Laranjeiras. The results obtained by means of research indicate that the activity of rafting is practiced by people that have as objective to get away from routine, keeping healthy habits that give them balance in their lives, contemplating, thus, all the aspects of human development.

Keywords: *Tourism of adventure. Rafting. Quality of life.*

1 Introdução

Esta pesquisa tem por finalidade investigar como a prática da atividade de *rafting*, realizada de forma não competitiva como modalidade do segmento de turismo de aventura, poderia vir a proporcionar uma maior qualidade de vida aos seus praticantes.

O motivo de tal verificação resume-se a conhecer o que poderia levar as pessoas a procurar por práticas de atividades de aventura junto à natureza, especificamente o *rafting*, e o que isso implica no tocante à qualidade de vida.

A presente pesquisa foi realizada nos limites do Parque das Laranjeiras, na localidade de Linha Café Alta, situado a 12 km da rodovia RS 115 e a 15 km do município de Três Coroas, RS.

Atualmente, operam no Parque das Laranjeiras quatro empresas de *rafting*, que oferecem também outras atividades de aventura, como *paintball*, tirolesa, rapel e boia-cross, atendendo mais de 60 mil visitantes por ano, segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Três Coroas (2013). Porém, dentre as modalidades praticadas, o *rafting* vem se firmando como o carro-chefe das atividades de aventura no interior do Parque.

Com grande importância para o município de Três Coroas, dentre todas as modalidades, o *rafting* é uma atividade sempre realizada em grupos, sob a orientação de um guia qualificado para tal atividade. A relação da prática do *rafting* com as suas possíveis vantagens pode ser então percebida, já que, segundo a neurocientista Herculano-Houzel (2009), as atividades em grupo treinam a memória, além de exercitar habilidades sociais. Também ativam o sistema de recompensa do cérebro. Como o *rafting* é uma atividade coletiva, é importante verificar se a interação com outras pessoas tem alguma influência na melhora da qualidade de vida dos sujeitos e como isso ocorre.

Dessa forma, o trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa descritiva quali-quantitativa, aplicada a 24 sujeitos, maiores de 18 anos, junto ao Parque das Laranjeiras, em Três Coroas. Isso se deu em três momentos diferentes, sendo pesquisados oito sujeitos em cada etapa. Como instrumento de coleta de dados, aplicou-se um questionário contendo oito questões abertas e fechadas.

Os dados da pesquisa foram coletados logo após a conclusão da descida de bote pelas corredeiras do Rio Paranhana, por ser esse o momento em que a vivência

da experiência da aventura ainda se faz bem presente em seu íntimo. Nesse momento, provavelmente, foram lembradas, com mais detalhes, as experiências vividas.

2 Turismo de Aventura – o *rafting* como experiência

2.1 Turismo

O turismo é conceituado de várias maneiras e varia muito entre os autores. Segundo Barreto (2003, p. 13), desde que se começou a estudar o turismo, diz-se que se trata de “[...] uma atividade em que a pessoa procura prazer por livre e espontânea vontade. Portanto, a categoria de *livre escolha* deve ser incluída como fundamental no estudo do turismo”.

Assim, percebe-se que o turista deve buscar o que julga ser o melhor para sua vida, que lhe proporcione prazer e satisfação naquilo que busca para preencher seu tempo livre no cotidiano.

Já de acordo com Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 7), “[...] o turismo pode ser definido como a ciência, a arte e o negócio de atrair visitantes, transportá-los e cuidar gentilmente de suas necessidades e seus desejos”.

Portanto, para tais autores, o turismo sempre se relaciona com acolhida, pois, de maneira geral, são pessoas de um determinado local visitando outros lugares, no próprio país ou no estrangeiro, em busca de algo que considerem relevante para suas vidas, procurando ampliar as fronteiras do saber e acrescentando, assim, mais conhecimento e mais elementos que possam ser úteis no seu dia a dia ou até para uma próxima viagem.

Ainda conforme Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p. 18), “os seres humanos são, por natureza, curiosos em relação ao mundo em que vivem [...] viajar emociona e fascina. Há um milhão de anos a humanidade se desloca de um lugar para outro”. O interesse do homem em conhecer, interagir com o diferente é enorme, é inato, e, levado por sua curiosidade, ele sai do seu local procurando novos horizontes, novos lugares e costumes diferentes dos seus, que enriqueçam seu conhecimento, sua cultura. Isso certamente lhe proporciona algo que de outra forma não adquiriria. Santana (2009) menciona que o turismo, tal como é conhecido nos dias atuais, surgiu pela curiosidade do homem e da necessidade de buscar climas diferentes e cura para enfermidades.

Nota-se, assim, que o homem, movido pela curiosidade, se desloca em busca de locais diferentes, por motivações diversas, para satisfazer sua vontade. Muitas vezes, os deslocamentos significam a busca por cura de enfermidades. Dessa maneira, o ser humano, através dos tempos, vem evoluindo com o intuito de melhorar sua vida e torná-la mais prazerosa.

2.2 Turismo de Aventura

De acordo com a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul - SETUR-RS (2013, p. 2), “Aventura é estar perto de seus limites, é entender a natureza como fonte de inspiração na conquista individual de novas vitórias, novos sentimentos, novas descobertas”.

Segundo Uvinha (2005, p. 27), a raiz da palavra aventura é derivada do latim

adventura, que quer dizer “o que há de vir”. “Em todo mundo, da mesma forma que sua denominação, seu conceito varia conforme o país, de acordo com a história, a cultura, as tradições e as geografias locais”.

Formular um conceito do turismo de aventura parece ser uma ideia complexa e difusa. “Assim, buscando-se um melhor entendimento e abrangência do turismo de aventura, é fundamental a compreensão acerca do significado de *atividades de aventura*, que implica engajamento do turista em diversas práticas e experiências” (UVINHA, 2005, p. 28).

A aventura está em evidência no turismo mundial. Por isso, Swarbrooke *et al.* (2003, p. 7) dizem que seu caráter merece uma abordagem extensiva, desobstruída das limitações contidas nas definições tradicionais. Emoção, adrenalina, desafio, inspiração, risco, entusiasmo, novidade, conquista, audácia, entre outras, são palavras frequentemente usadas em revistas e folhetos anunciando produtos de aventura.

Segundo Machado (2005, p. 33), Turismo de Aventura é “[...] o segmento do turismo que proporciona atividades ligadas à natureza, buscando a superação de limites pessoais com segurança e responsabilidade na utilização do meio ambiente”. Esse segmento de turismo, conforme o autor (2005, p. 182), vem despertando interesse e “seu crescimento se dá devido à grande procura de atividades esportivas realizadas junto à natureza, e o crescimento de empresas especializadas”. Nesse segmento, encontram-se o *rafting*, a tirolesa, o boia-cross, o rapel, entre outros.

2.3 Rafting

Como define a Confederação Brasileira de Canoagem (2013, p. 1), “[...] o *rafting* consiste na descida de rios em botes infláveis. Os integrantes da embarcação remam sob o comando de um instrutor responsável”.

Ainda segundo a Confederação Brasileira de Canoagem (2013), o primeiro registro de *rafting* no mundo data de 1869. O pioneiro foi John Wesley Powel, que organizou uma expedição no Rio Colorado, nos Estados Unidos, em barcos de madeira. Essa aventura resultou em vários acidentes, devido à precariedade dos equipamentos e à falta de técnicas adequadas. Assim se dá o início da história do *rafting*. Com finalidade comercial, o *rafting* foi explorado pela primeira vez em 1909, nos EUA, pela empresa Julio’s Stone’s Grand Canyon, mas ainda com uso de botes de madeira.

Percebe-se que, no começo da atividade, a situação era precária e os recursos bastante limitados, próprios da época. Os primeiros botes infláveis apareceram nos EUA em 1936, conforme relata a Confederação Brasileira de Canoagem (2013).

De acordo com o site da *Soldier Adventures* (2010 p. 1), o *rafting* chegou ao Brasil no início da década de 1980. Consiste, basicamente, em seguir o curso de um rio, vencendo obstáculos naturais como pedras, troncos, quedas e corredeiras. Como é essencialmente “radical”, sua prática requer alguns equipamentos de segurança, como capacetes, roupas de neoprene e cordas.

O site acima mencionado mostra que há vários níveis de dificuldade (2010, p. 1), como segue:

- Nível I:** Áreas com pequenas pedras, requer poucas manobras;
- Nível II:** Águas agitadas, algumas rochas, exige algumas manobras;
- Nível III:** Algumas ondas e pequenas quedas com pouco risco, mas pode exigir habilidade de manobra significativa;
- Nível IV:** Ondas médias, algumas pedras, com quedas consideráveis, manobras mais técnicas são necessárias;
- Nível V:** Corredeiras agitadas com grandes ondas e rochas escondidas, possibilidade de grandes quedas, exige manobras precisas;
- Nível VI:** Corredeiras perigosas, pedras e ondas enormes. Nas quedas o impacto na água chega a danificar alguns equipamentos. Perigo extremo, risco de acidentes graves e até fatais.

Como se percebe, para a prática do *rafting*, são necessárias todas as precauções a fim de evitar acidentes, mesmo sendo uma atividade benéfica e bastante utilizada por empresas, de acordo com a *Soldier Adventures* (2010, p. 2), com vistas para o fato de que “a prática do *rafting* exercita a capacidade de trabalhar em equipe, desenvolve o espírito de coletividade e reforça a importância de cada membro do grupo na execução de uma tarefa”.

2.4 Qualidade de vida

O termo qualidade de vida vem sendo utilizado com grande frequência nos dias atuais. O seu significado pode, eventualmente, suscitar dúvidas, não deixando seu entendimento muito claro. Qualidade de vida é um termo comumente usado por políticos e por profissionais de diversas áreas, sempre que querem passar uma mensagem que identifique uma melhoria de vida para a população.

Rossi (2004, p. 89) diz que “qualidade de vida implica manter um equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito”. Segundo o autor, o ser humano precisa estar bem em todos os sentidos para que possa haver qualidade de vida, já que ele é um todo e assim precisa viver em plenitude.

A Organização Mundial da Saúde – OMS - (2013, p. 11) define qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição de vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Portanto, o indivíduo tem o seu próprio valor no que diz respeito à sua vida, quanto ao que lhe convém para viver com qualidade. A pessoa precisa identificar o que lhe é agradável, o que realmente é importante para sua satisfação. Cada indivíduo, em qualquer parte do mundo, poderá convencionar o que lhe é importante como qualidade de vida, como já identificado no conceito da OMS ao deixar explícito que a qualidade de vida se expressa no contexto da cultura e no sistema de valores.

Segundo Brandão, Conte e Mezzaroba (2002, p. 40), a expressão qualidade de vida vem se tornando cada vez mais comum, refletindo melhor o desejo do homem moderno. Tal identificação é clara ao referir que o ser humano “[...] se tiver condições de viver e não apenas sobreviver, que viva bem, com qualidade”.

Outra definição que traz sobre qualidade de vida encontra-se na Larousse Cultural (1999, p. 4850), afirmando que é “[...] tudo que contribui para criar condições

favoráveis ao desenvolvimento do indivíduo”. Mostra esse conceito que qualidade de vida relaciona-se ao desenvolvimento da pessoa, e para isso é necessário ter condições favoráveis que primem por isso. Trata-se de mais uma definição que pode ter um sentido bastante amplo, pois o termo “desenvolvimento do indivíduo” pode ser entendido e direcionado para várias situações.

Trigo, prefaciando Almeida, Gutierrez e Marques (2012, p. 7), registra:

Cada vez mais se fala sobre qualidade de vida. É uma concepção que envolve parâmetros das áreas de saúde, arquitetura, urbanismo, lazer, gastronomia, esportes, educação, meio ambiente, segurança pública e privada, entretenimento, novas tecnologias e tudo que se relacione com o ser humano, sua cultura e seu meio.

Conforme Almeida, Gutierrez e Marques (2012, p. 15), a presença do termo qualidade de vida “[...] é facilmente percebida no linguajar da sociedade contemporânea, sendo incorporado ao vocabulário popular com várias formas de conotação”. Ele é real no linguajar diário, no entanto sua conotação nem sempre significa que seja de simples interpretação, podendo ser entendido diferentemente de pessoa para pessoa, conforme suas realidades, seus valores e suas expectativas.

O Instituto Brasileiro de Qualidade de Vida-IBQV (2013, p. 11) diz que “[...] a crescente sobrecarga de trabalho, a inquietação, o isolamento social, o medo e o sedentarismo atual, tem levado as pessoas a buscarem um estilo de vida mais saudável e mais feliz”. O Instituto aponta escolhas que se pode fazer, quando diz:

- Pense de maneira positiva; pratique esportes e reduza as tensões; valorize os momentos de lazer; desligue-se. Assista a um filme, leia um livro, caminhe. Faça algo que lhe dê prazer e estabeleça relações de companheirismo;
- Delegue atividades sempre que puder e não leve trabalho para casa;
- Tenha uma alimentação saudável e balanceada;
- Dedique-se ao trabalho manual e a alguma ação voluntária;
- Pare suas atividades de vez em quando e relaxe; reconheça seus próprios limites (IBQV, s/a., p. 11).

Desse modo, são sugeridas várias alternativas de intervenção no modo de vida do ser humano diante das circunstâncias enfrentadas no cotidiano. Por tal razão, pretende-se verificar como o tema qualidade de vida é percebido pelos praticantes de *rafting* junto ao Parque das Laranjeiras, no município de Três Coroas - RS.

3 Metodologia

Toda construção de conhecimento implica a seleção de um método científico que defina uma linha de pesquisa na busca de viabilizar a coleta de dados, sua análise e posterior interpretação.

De um modo genérico, a expressão “método de pesquisa” significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos, de acordo com a afirmativa de Richardson *et al.* (1999).

Conforme Dencker (1998, p. 22), “[...] o método científico consiste em uma série

de procedimentos realizados pelo pesquisador com a finalidade de reduzir as chances de erro”.

Assim, para alcançar os objetivos desejados neste trabalho, optou-se por uma pesquisa descritiva, de cunho quali-quantitativo, analisando a relação entre a prática do *rafting* e a percepção de melhoras na qualidade de vida de seus usuários. Para Dencker (1998, p. 124), a pesquisa descritiva “[...] procura descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis”.

Perez (2005, p. 188), por sua vez, menciona que “o uso de métodos qualitativos é necessário para complementar ou ampliar a informação quantitativa disponível”. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada, que não tem como finalidade essencial contar opiniões ou pessoas. Pelo contrário, seu fim é explorar o amplo espectro de opiniões existentes e as diferentes representações que as pessoas têm sobre o assunto em questão. Desse modo, o objetivo de uma pesquisa qualitativa é o de apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista que circundam os entrevistados, como garantem Bauer e Gaskell (2002).

Para Richardson *et al.* (1999), vale ressaltar, no entanto, que o enfoque quantitativo é apropriado para medir opiniões, atitudes e comportamentos e representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções da análise e interpretações, possibilitando, uma margem de segurança quanto às inferências.

A pesquisa bibliográfica é de suma importância, pois, uma vez escolhido o tema, recorre-se à literatura para fundamentar e solidificar o conteúdo proposto. Segundo Oliveira (2001, p. 119), “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno”. É normalmente realizada em bibliotecas públicas, faculdades, universidades, bibliotecas virtuais, acervos pessoais, entre outros.

A opção de trabalhar com a observação de campo tem a finalidade de obter informações específicas que dizem respeito aos praticantes do turismo de aventura, com o tema voltado para a qualidade de vida, tema principal desta pesquisa. O intuito é o de pesquisar a percepção dos sujeitos quanto à possível relação entre a prática do *rafting* e a qualidade de vida pessoal, pois, segundo Mattar (2000), é por meio da observação de campo que se buscam dados representativos da população de interesse. Conforme Marujo (2012, p. 1), “observar e analisar o fenômeno para compreendê-lo constitui um fator essencial para obter conhecimento sobre o turismo”. Nesse método, o investigador se faz presente nas atividades, nas interações nos acontecimentos de um grupo de pessoas. A observação participante “[...] melhora a qualidade dos dados obtidos durante o trabalho de campo; melhora a qualidade da interpretação” (MARUJO 2012, p. 2).

Dessa forma, para atender aos propósitos desta pesquisa, aplicou-se um questionário junto a um grupo de 24 praticantes da atividade no Parque das Laranjeiras em Três Coroas- RS, ocupantes de diferentes botes de descidas de *rafting*, em três momentos diferentes.

Para selecionar a amostra a ser pesquisada na realização do *rafting*, sob o entendimento de que o mesmo se caracteriza pelo uso de equipamentos e de instrutores, tornando-se, portanto, necessário que o visitante passe por uma operadora de *rafting*,

foi escolhida a *Raft Adventure*. Feito isso, foram selecionados três botes, em diferentes dias, para aplicação dos questionários pessoalmente pelo pesquisador.

4 Observação de campo

O local da observação descrita é o Parque das Laranjeiras, localizado no município de Três Coroas, Rio Grande do Sul, mais especificamente junto à empresa de *rafting* denominada *Raft Adventure*. Ali o pesquisador fez as intervenções com grupos distintos que se deslocaram ao local para a prática do *rafting*. As análises de tais intervenções estão relatadas na sequência.

O primeiro grupo chegou de forma bastante descontraída, logo após o meio dia do feriado de 7 de setembro de 2013, sábado. Apresentou-se na recepção da empresa. Após receber informações de rotina e preencher um formulário padrão, o grupo foi convidado a se vestir para realizar a aventura. Alguns optaram por usar roupas de neoprene, uma vestimenta especial, que protege o corpo do frio e de eventuais escoriações que possam ocorrer. Outros simplesmente dispensaram essa vestimenta, pois o clima era bastante agradável, e isso lhes proporcionaria um melhor contato com a água.

Assim que estavam prontos, o guia do bote de *rafting* convidou a todos para vestirem coletes e capacetes e, em seguida, passou-lhes as orientações relativas à segurança e aos procedimentos do percurso que fariam pelas corredeiras do Rio Paranhana. Todos prestaram atenção às instruções, um ato normal, necessário e passado a todos que se aventuram a fazer uma descida de *rafting*.

Observou-se que alguns aventureiros continuavam descontraídos, enquanto outros se mostravam um pouco apreensivos durante essa fase de instruções passadas pelo guia de *rafting*.

Após as orientações, o guia perguntou ao grupo se algum dentre eles já havia feito *rafting* em outra oportunidade. A resposta foi negativa. Para todos ali, seria a primeira experiência nessa aventura.

Passadas as informações, e não havendo mais perguntas, o grupo foi convidado a se dirigir ao ônibus que os levaria ao local do início da descida.

Após um período de aproximadamente duas horas, quando da conclusão do *rafting* e do retorno ao Parque das Laranjeiras, o grupo foi convidado a participar da pesquisa-instrumento deste trabalho. Ela continha oito questões e seu objetivo era investigar como os praticantes de *rafting* entendem que fazer tal atividade pode promover maior qualidade de vida para os usuários. Assim, oito sujeitos, maiores de 18 anos participaram respondendo as questões nessa primeira intervenção realizada pelo pesquisador.

O segundo grupo chegou ao Parque próximo às 15 horas do mesmo dia do primeiro grupo descrito. Os procedimentos dispensados foram os mesmos de anteriormente. Já nesse segundo grupo havia algumas pessoas com experiência em descida de *rafting*. Após a conclusão da aventura, oito pessoas responderam ao questionário proposto.

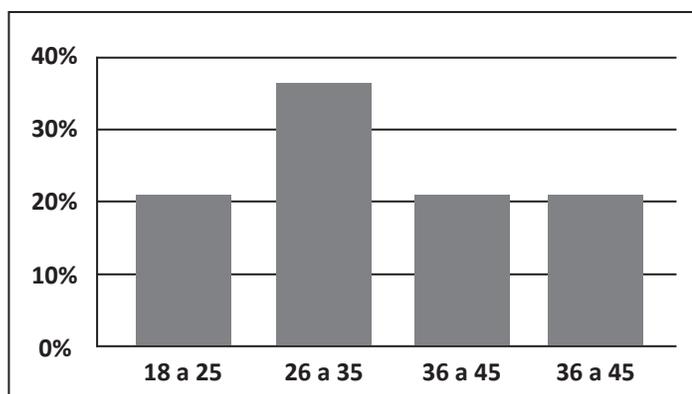
O terceiro grupo que fez parte da pesquisa se apresentou no Parque das Laranjeiras por volta da 10 horas do dia 14 de setembro de 2013. Após cumprida toda a rotina junto à empresa *Raft Adventure*, realizaram a descida e, em seguida, responderam

ao questionário proposto. Assim, conclui-se a pesquisa, totalizando 24 sujeitos em momentos diferentes. Os dados do questionário foram analisados e estão descritos na sequência.

4.1 Análise e interpretação dos resultados

Os resultados coletados junto aos aventureiros para análise foram comparados com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA (2010), que fala do perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil. Foram comparados os dados das cinco questões iniciais que se referem a dados gerais dos entrevistados, que são: idade, sexo, estado civil, escolaridade e nível de renda. Os demais itens da pesquisa têm seu referencial no próprio trabalho.

Gráfico 1 - Idade (em anos)

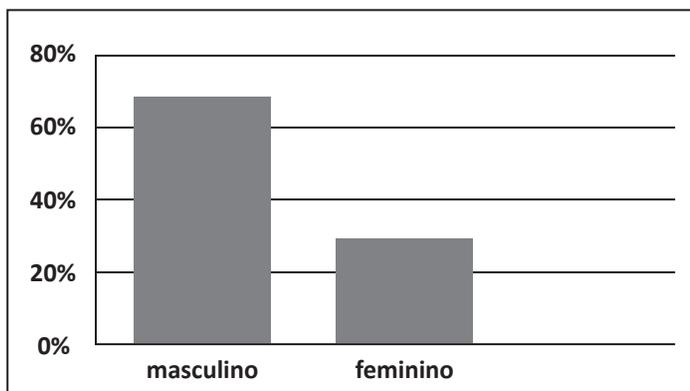


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar os dados pessoais dos entrevistados, percebe-se que houve a participação de várias faixas etárias entre os 24 sujeitos pesquisados. A predominância foi do grupo de 26 a 35 anos, que contou com nove participantes, representando 37% do total. Os outros grupos (de 18 a 25 anos, de 36 a 45 anos e acima de 45 anos) tiveram cinco participantes, o que significa 21% em cada faixa etária. Assim, pode-se afirmar que houve uma mescla de idades e que a aventura não está restrita a um tipo de público. Pelo contrário, todos podem participar, dos mais jovens aos mais idosos, desde que se sintam aptos para tal, pois a prática acontece de forma recreativa e não competitiva.

Comparando-se os dados da pesquisa da ABETA (2010), pode-se verificar que há uma mudança no perfil etário dos sujeitos, já que a maioria, ou seja, 38% dos participantes da mesma, tinha de 18 a 25 anos, ficando os demais distribuídos entre as outras faixas etárias. Observa-se que apenas 15% possuíam a faixa etária entre 30 e 39 anos. Tais diferenças não são expressivas, uma vez que a distribuição entre as faixas etárias pode variar de acordo com o programa de aventura oferecido. O mais importante é perceber que todas as faixas etárias estão representadas, indicando a possibilidade de atingir públicos das mais variadas idades.

Gráfico 2 – Sexo

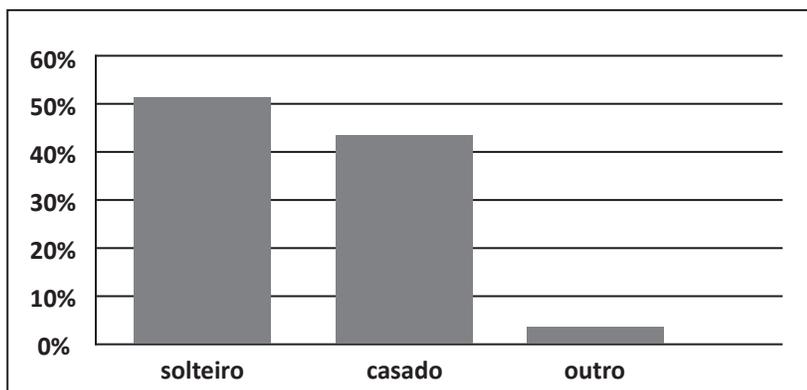


Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao gênero, houve a predominância do sexo masculino, com 17 participantes, o que representa 71% do total. Já as aventureiras foram num total de sete respondentes, que somam 29% dos entrevistados. Pode-se dizer, talvez, que sejam os homens que tenham mais propensão a realizarem essa aventura. Mas não se pode afirmar isso sem fazer uma pesquisa que realmente comprove esses dados.

Fazendo um comparativo com a pesquisa realizada pela ABETA (2010), torna-se mais difícil fazer uma análise, pois, naquela pesquisa, foram ouvidos 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, o que a diferencia, neste item, da pesquisa realizada no Parque das Laranjeiras. Isso prova que a atividade de aventura está aberta a todos, sendo a participação livre, sem distinção de gênero.

Gráfico 3 – Estado Civil

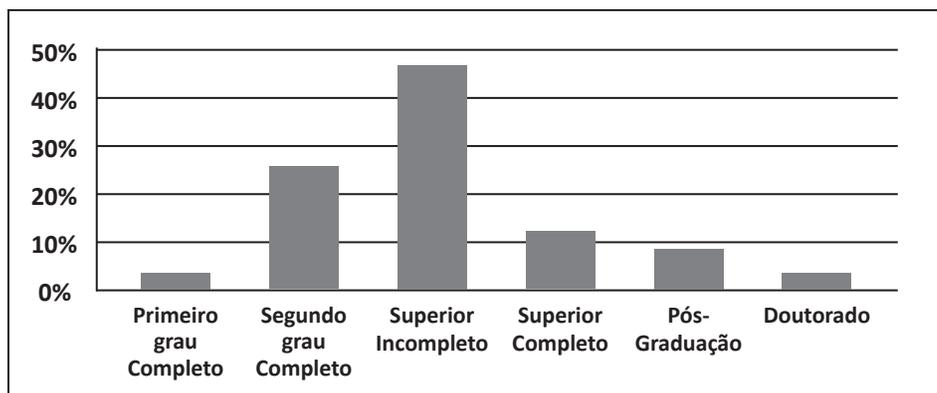


Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 24 respondentes, 13 são solteiros, 10 são casados e uma pessoa se encontra em outra situação. Isso representa 54%, 42% e 4%, respectivamente. Neste item, houve um equilíbrio entre os solteiros e os demais.

Comparando os dados coletados com a pesquisa da ABETA (2010), que mostra 48% de solteiros, 42% de casados, 7% de divorciados e 3% sem resposta, pode-se afirmar que neste item há um equilíbrio entre as duas pesquisas. Somente na situação de divorciados e sem resposta da pesquisa da ABETA (2010) que, somados, atingem 10%, contra 4% em outra situação da pesquisa realizada no Parque das Laranjeiras, é que se verifica uma diferença mais significativa. Isso mostra que há uma livre integração nas atividades de aventura, independente de situação civil dos atores envolvidos.

Gráfico 4 – Escolaridade

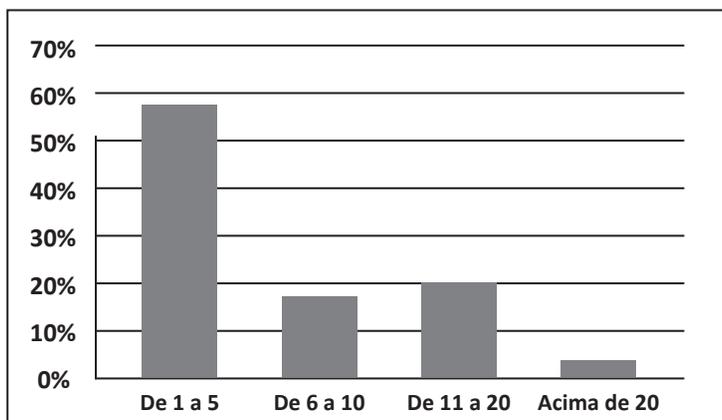


Fonte: Elaborado pelo autor.

No quesito nível de escolaridade, até o segundo grau completo tem-se 29% dos participantes da pesquisa. Já com superior incompleto, superior completo, pós-graduação e doutorado juntos somam 71%. Somente superior incompleto conta com 46% do total. O nível de escolaridade demonstra que o grau de instrução dos praticantes de *rafting* é bastante elevado e revela que as pessoas com ensino mais adiantado podem ter mais propensão ou mais possibilidades de buscarem essa atividade de aventura.

A pesquisa realizada no Parque das Laranjeiras é bastante parecida com os números apresentados pela ABETA (2010) relativos ao grau de instrução. No item até 2º grau completo, os números revelam 29% para um total de 26% dos apurados pela ABETA. Nos níveis superior incompleto e superior completo, o somatório foi de 59% contra 58% dos respondentes da ABETA. Já o total de participantes, em ambas as pesquisas, que possuem pós-graduação e doutorado também se mostra parecido, quase idêntico, pois a coleta de dados realizada no Parque das Laranjeiras contou com 12% neste nível contra 13% dos pesquisados da ABETA. Pode-se, assim, dizer que, em todos os níveis, houve números bastante próximos, considerados como empate técnico, devido a sua semelhança.

Gráfico 5 – Nível de Renda (em salários mínimos)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao nível de rendimentos, 58% dos respondentes, catorze no total, declaram ganhar até 5 (cinco) salários mínimos. Quatro dizem ter ganhos entre 6 (seis) e 10 (dez) salários mínimos. Cinco responderam ter ganhos entre 11 (onze) e 20 (vinte) salários mínimos e um diz ganhar mais de 20 (vinte). Apesar de a maioria ter ganhos até cinco salários, uma boa parcela, ou seja, 42%, diz ter renda acima de 6 (seis) salários. Isso demonstra que, além de terem um nível de instrução adiantado, o nível de rendimentos também pode ser considerado elevado.

Quanto ao nível de rendimentos, não foi possível fazer um comparativo mais próximo com os dados apresentados pela ABETA (2010), pois naquela pesquisa os totais foram apresentados por classe social. Os pesquisados responderam que fazem parte das classes A, B e C, com 30%, 56% e 10%, respectivamente. Os outros 4% não responderam. No entanto, em ambas as pesquisas, pode-se concluir que o nível de renda é bastante elevado, o que revela que os personagens pesquisados não apresentam muitas diferenças.

Os dados comparativos das duas pesquisas terminam aqui. A seguir, serão detalhados somente os números da pesquisa realizada no Parque das Laranjeiras.

Quanto à prática do *rafting*, 14 (catorze) disseram que foi a sua primeira experiência nessa atividade, o que representa 58% dos 24 participantes da pesquisa. Dentre os outros 10 (dez), 8 (oito) já praticaram mais vezes, entre 2 (duas) e 10 (dez) vezes. Dois dos respondentes disseram que fizeram *rafting* muitas vezes. Nota-se que há uma tendência dos praticantes de retornar e repetir a aventura.

Isso revela, conforme dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Três Coroas (2013), o aumento expressivo de turistas de 1993 até os dias atuais, que certamente muitos destes retornam ao Parque para a prática de atividades de aventura.

Perguntados sobre o principal motivo de retornarem ao Parque das Laranjeiras para realizar a aventura, foram dadas várias razões para a iniciativa. Seis disseram que era para acompanhar familiares ou amigos, o que representa 25% do total. Os outros itens como atividade na água, atividade ao ar livre e melhoria da qualidade de vida também foram mencionados. Uma pessoa respondeu “para me sentir feliz”. Sete pessoas não

responderam, o que corresponde a 29% do total. Como a principal razão foi acompanhar familiares e amigos, percebe-se que a atividade de aventura pode ser mais atraente em grupo, em companhia de outras pessoas e que a interação com outros pode ser um diferencial, principalmente quando são pessoas próximas de nosso convívio.

Na questão 7, para verificar o entendimento quanto ao conceito de qualidade de vida, 14 respondentes, 58% do total, disseram que é um equilíbrio entre corpo, mente e espírito. A maioria entende que o equilíbrio entre a mente o corpo e espírito mais se aproxima do conceito qualidade de vida. Isso revela que o homem precisa estar bem em todos os sentidos e que as pessoas valorizam a integralidade do ser, buscando satisfação em todos os aspectos da vida. Isso vai ao encontro do que diz Rossi (2004, p. 89): “a qualidade de vida implica manter um equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito”.

Outro aspecto abordado foi quanto ao fato de a prática do *rafting* ser uma atividade em grupos poder auxiliar na qualidade de vida. Dos 24 respondentes, 12 responderam que definitivamente sim, 11 provavelmente sim e um ficou indeciso. Do porquê dessa melhora, alguns mencionaram que auxilia o relacionamento entre as pessoas, assim como desenvolve o companheirismo e a solidariedade. Por tal razão, a atividade é bem aceita, e o trabalho e o agir em equipe também são valorizados e percebidos como um benefício.

A pessoa precisa reconhecer que a atividade em equipe exige de cada um entrega, empenho e, acima de tudo, reconhecimento da importância do outro naquela situação. Isso pode melhorar as atividades de grupo em qualquer circunstância, seja no trabalho, no lazer ou em outra situação. Isso confirma, segundo a neurocientista Herculano-Houzel (2009), que as atividades em grupo permitem o treinamento da memória, exercitam habilidades sociais e, também, ativam o sistema de recompensa do cérebro.

Perguntados se o ambiente natural auxiliaria na qualidade de vida, 19 responderam que definitivamente sim e 5 disseram que provavelmente sim. No entender da maioria, o contato, a união o convívio com a natureza é um fator determinante para a melhoria da qualidade de vida. Ainda foi mencionado que o local acalma a mente e também que é bom curtir novas aventuras, corroborando com o que diz a SETUR-RS (2013), ao mencionar que a natureza serve como fonte de inspiração, obtendo novas conquistas, novas vitórias e novas descobertas.

Como o *rafting* exige esforço físico, foi perguntado se isso auxiliaria na qualidade de vida dos praticantes. A maioria entende que sim, pois 20 responderam que definitivamente sim e 4 disseram que provavelmente sim. Perguntados sobre o porquê, alguns responderam que têm vidas sedentárias, já outros querem melhorar a saúde. Houve os que mencionaram que a atividade física auxiliaria em sua disposição.

A percepção de que o esforço físico na atividade de aventura é benéfico não deixa dúvidas. Além disso, esse esforço é visto como agregador. Apesar de fazer sentir algumas dores pelo corpo e cansaço, a atividade que exige algum sacrifício é bem assimilada em geral, pois os participantes percebem, pelas reações do corpo, de que o envolvimento valeu a pena. Através do esforço, superam-se limites, e isso, após o cumprimento, não é pouco para pessoas que, em muitas ocasiões, têm uma vida sedentária, exigindo pouco do corpo. Quanto ao esforço físico, Machado (2005) menciona que atividades na natureza e a superação de limites pessoais, praticados com responsabilidade e respeito

ao meio ambiente, fazem parte da atividade.

O *rafting* é uma atividade que envolve riscos. Por essa razão, os praticantes foram perguntados se consideravam isso como um empecilho ou uma contribuição para a prática da aventura, pensando em sua melhor qualidade de vida. Dos 24 respondentes da pesquisa, 19 entendem como uma contribuição, o que representa 79%. Já outros três disseram que pode ser um empecilho, e dois não opinaram. Dos que entendem com uma contribuição, podem-se destacar alguns pensamentos. Falam que o risco é mínimo e que o instrutor passa segurança. Além disso, entendem que os riscos devem ser assumidos em qualquer situação. Citam a superação de medos como algo importante na aventura. A maioria não vê empecilho na atividade, pois o guia do bote lhes transmite segurança desde o início, quando dá as orientações de segurança necessárias para uma aventura segura.

Mesmo assim, três dos respondentes, que correspondem a 13% do total, percebem que pode haver um empecilho na atividade e, em sua opinião, pelo fato de haver algum risco, muitos talvez deixem de praticar, pois pode haver barreiras relativas à segurança, o que pode resultar em desistências.

Não se sabe quantificar em números, mas certamente há pessoas que vão ao parque e no momento não se sentem seguras ou prontas para aceitar o desafio da aventura de *rafting*. Isso é perfeitamente normal, pois cada ser humano é diferente do outro e não são todos que se sentem preparados ou em condições de participar da atividade.

5 Considerações finais

O tema qualidade de vida foi escolhido por se tratar de um assunto bastante usado em vários meios, sendo sempre lembrado quando o motivo é saúde em diversas situações da vida. Pode parecer um conteúdo complexo e difuso, mas, ao final, percebe-se que as pessoas possuem o devido entendimento do que seja quando abordado. Nesse caso específico, a atividade de *rafting* é abordada como possibilidade de melhora na qualidade de vida dos usuários. Foi por meio de uma pesquisa realizada no Parque das Laranjeiras, em Três Coroas, RS, que se pôde verificar como isso acontece na prática.

Para realizar este trabalho, contou-se com o apoio da empresa de *rafting Raft Adventure*, que trabalha com atividades de aventura dentro do Parque das Laranjeiras. A empresa permitiu que a pesquisa fosse realizada com seus clientes, o que facilitou na coleta dos dados necessários.

A pesquisa foi realizada com três grupos de oito pessoas, que é a capacidade máxima de um bote de *rafting*, em momentos diferentes, logo após a conclusão da aventura. No total, foram pesquisados 24 sujeitos, todos maiores de 18 anos, de ambos os sexos.

Pode-se afirmar que a atividade de *rafting* é escolhida pelos que a praticam com o intuito de sair da rotina, deixar o ambiente comum, sair do sedentarismo e fazer algo que lhes proporcione mais satisfação, mais prazer. O contato com o ambiente natural é percebido como o ideal para essa atividade. A percepção de melhora na qualidade de vida dos praticantes é evidente, uma vez que eles próprios deixaram isso claro em suas afirmações no questionário, em que fazem várias referências de como isso acontece em

suas vidas.

Os participantes da pesquisa percebem que, fazendo um esforço físico, juntamente com outros, desenvolvem o companheirismo e o espírito de equipe, o que é útil e necessário nas atividades diárias.

Por isso, empresas de diversos setores têm utilizado o *rafting* para proporcionar aos seus colaboradores momentos de descontração. Ao mesmo tempo, também é usado como treinamento, pois é por meio de atividades em grupo, fora do ambiente de trabalho, que muitos veem a oportunidade de trabalhar a unidade, o companheirismo e a ajuda mútua, trazendo benefícios às atividades profissionais, melhorando a autoestima e ainda lhes proporcionando uma melhor qualidade de vida.

A atividade também é procurada de forma individual e em grupos de amigos, que percebem na atividade a oportunidade de praticar uma atividade diferente, que lhes traga satisfação, proporcionando momentos únicos e inesquecíveis.

O pesquisador percebeu que, mesmo sendo uma atividade de risco, o *rafting* é percebido como muito importante para os praticantes, e a percepção de que é fator de melhora na qualidade de vida ficou bem evidente. De acordo com as respostas obtidas por meio do questionário, fica claro que o risco não é inibidor para a prática da atividade, uma vez que o bote é conduzido por guia qualificado. Assim, muitos voltam a praticar a atividade em uma próxima oportunidade.

O tema qualidade de vida é bastante amplo. Faz parte do viver diário e não pode ser ignorado, independente do ambiente, seja familiar, de trabalho, de estudo ou de ócio e lazer, enfim, pode-se viver e optar por uma vida com qualidade em qualquer ambiente. Procurar viver da melhor forma, usufruir da vida e vivê-la de maneira prazerosa deveria ser o objetivo de todo ser humano. Cabe a cada um traçar suas metas de vida e procurar alcançá-las de modo agradável e satisfatório.

Referências

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato: Prefácio do professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo. *Qualidade de Vida* - definições, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa. São Paulo: EACH/USP, 2012. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf>. Acesso em: 4 maio 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA - ABETA. *Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil*. São Paulo: ABETA, 2010. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/site/index.php/abeta/download/category/7-pesquisas>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas: Papirus, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/site/index.php/noticias/eventos/89-atividades/133>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

BRANDÃO, Maria Zilah da Silva; CONTE, Fátima Cristina de Souza; MEZZAROBBA, Solange Maria Beggiano (Orgs.). *Comportamento Humano* - tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor. Santo André: ESETEC, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM. *Rafting*. História. 2013. Disponível em: <<http://www.canoagem.org.br/pagina/index/nome/rafting/id/120>>. Acesso em: 6 set. 2013.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas*. São Paulo: Futura, 1998.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; McINTOSH, Robert W. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. *Pílulas de neurociência - para uma vida melhor*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE DE VIDA. IBQV. *Stress: um mal necessário*. Disponível em: <<http://www.ibqv.com.br/php/artigos.php#16>>. Acesso em: 12 set. 2013.

LAROUSSE CULTURAL. *Grande Enciclopédia*. Nova Cultural, 1999. 20 v.

MACHADO, Álvaro. *Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

MARUJO, Noémi. *A Observação Participante na Investigação em Turismo*. 2012. Disponível em: <www.eumed.net/rev/turedes/13/investigacion-turismo.htm>. Acesso em: 20 nov. 2013.

OLIVEIRA, Silvo Luiz de. *Tratado de metodologia científica*. Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2001.

OMS. *Organização Mundial da Saúde*. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/evidence/who_qol_user_manual_98.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2013.

PEREZ, Amparo Sandro (Org.). *Introdução a Metodologia da Pesquisa em Turismo*. Organização Mundial do Turismo - OMT. São Paulo: Roca, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS. *Parque das Laranjeiras*. Mensagem recebida em 3 jun. 2013.

RICHARDSON, Roberto J. *et al. Pesquisa social: métodos e técnicas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSI, Ana Maria. *Cento e uma maneiras de viver melhor*. 4. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

SETUR. Secretaria de Estado do Turismo do RS. 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=motivacao&cod=1>>. Acesso em: 24 maio 2013.

SOLDIER ADVENTURES. *Turismo de Aventura: rafting*. 2010. Disponível em: <<http://soldieradventures.blogspot.com.br/2010/05/rafting.html>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

SWARBROOKE, John *et al. Turismo de aventura: conceitos e estudos de casos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

UVINHA, Ricardo Ricci (Org.). *Turismo de aventura: reflexões e tendências*. São Paulo: Aleph, 2005.